



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

GT3 – Planejamento Urbano e Ordenamento Territorial nas Cidades Médias

AS CIDADES MÉDIAS E NOVAS CENTRALIDADES: A ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE SUBCENTROS E EIXOS COMERCIAIS EM ANÁPOLIS (GO)

Janes Socorro da Luz¹

RESUMO

Este trabalho relata os resultados da pesquisa realizada em 2010, objetivando compreender o processo de descentralização das atividades terciárias nas cidades médias e a formação de novas centralidades, a partir da análise dos subcentros e eixos comerciais na cidade de Anápolis, Estado de Goiás. Para tanto, inicialmente, desenvolve a discussão sobre essas cidades, denominadas de médias e sua importância na dinâmica urbana regional, além, de destacar o processo de refuncionalização e os novos papéis que apresenta, especialmente, no âmbito das atividades terciárias. Em específico, no caso da cidade de Anápolis, por um lado, percebe-se uma intensa centralização das atividades comerciais e de serviços, por outro, uma significativa expansão dessas atividades, principalmente, em direção à Grande Vila Jaiara, Av. Brasil Norte-Sul e para o Bairro Jundiá, promovendo o processo de descentralização e o surgimento de novas centralidades e eixos comerciais. Esse processo repercute na organização do espaço intraurbano e na dinâmica econômica da cidade, dessa forma, a análise proposta é fundamental para o entendimento da configuração territorial da cidade e propicia subsídios para a tomada de decisões por parte do poder público e sociedade, no sentido, de promover um desenvolvimento mais equilibrado e de forma organizada.

Palavras-chave: Cidades. Intraurbano. Descentralização. Subcentros.

¹ Docente do curso de Geografia e do Programa de Pós-Graduação Territórios e Expressões Culturais do Cerrado – TECCER-UnUCSEH/UEG - jnsluz@hotmail.com



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

INTRODUÇÃO

“Nas últimas décadas a concentração humana em áreas urbanas transformou a sociedade, estabelecendo o que Lefebvre (1999, p. 153) determina como “complexificação da sociedade”, ou seja, “quando ela passa do rural ao industrial e do industrial ao urbano”. Essa dinâmica implica na formação de uma sociedade urbana que “resulta da urbanização completa, hoje virtual, amanhã real” (LEFEBVRE, 1999, p. 15). Com isso o espaço urbano, firma-se como local preferencial para produção e reprodução do capital, dinamizando a elementos que constituem o espaço.

A produção e a circulação são forças que se complementam na estruturação do território e que repercutem na própria divisão territorial do trabalho que envolve a dinâmica de (re)produção das cidades. Todavia, comportam especificidades que as diferenciam, enquanto, no âmbito da produção são os elementos fixos que se destacam, na circulação e consumo são os fluxos de mercadorias, informações, pessoas, entre outros, que são responsáveis pela movimentação que exprime a dinâmica que envolve as cidades. Conforme, ressaltam Santos e Silveira (2001, p. 21):

A divisão territorial do trabalho cria uma hierarquia entre lugares e redefine, a cada momento, a capacidade de agir das pessoas, das firmas e das instituições. Nos dias atuais um novo conjunto de técnicas torna-se hegemônico e constitui a base material da vida da sociedade.

As cidades médias constituem espaços nos quais se intensificam os processos de circulação e produção, que repercutem na formação de novas centralidades, como no caso dos subcentros e eixos comerciais. Como em todas as cidades, inicialmente a concentração das atividades terciárias estava circunscrita ao centro tradicional, todavia, a expansão urbana das cidades, principalmente nas últimas décadas do século XX, direcionou essas atividades para outros pontos da cidade, produzindo subcentros e eixos comerciais e, também, contribuindo para a própria especialização das atividades, bem como, a refuncionalização das cidades médias.

Todavia, o arranjo interno destas áreas, fora da parte central, não é discutido de forma ampla, o que justifica a relevância da pesquisa desenvolvida e apresentada neste trabalho.



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

Portanto, é necessário analisar a questão da estrutura e reestruturação do espaço urbano por meio dos processos e formas espaciais, centralização/áreas centrais e descentralização/novas centralidade, para compreender a dinâmica das novas centralidades que se desenvolvem nas cidades médias e contribuem para a formação dos subcentros e eixos comerciais. A princípio, concebe-se que por meio da “centralidade é possível alterar a estrutura urbana, acarretando a concentração, a dispersão, o surgimento de vazios e a própria multiplicação deste processo, com a poli(multi)centralidade” (SOUZA, 2009, p. 50). Ademais,

Esse espaço urbano *é* contradição concreta. O estudo de sua lógica e de suas propriedades formais conduz à análise dialética de suas contradições. O centro urbano é preenchido até a saturação; ele apodrece ou explode. Às vezes, invertendo seu sentido, ele organiza em torno de si o vazio, a raridade. Com mais frequência, ele supõe e propõe a concentração de **tudo** o que existe no mundo, na natureza, no cosmos: frutos da terra, produtos da indústria, obras humanas, objetos e instrumentos, atos e situações, signos e símbolos. Em que ponto? Qualquer ponto **pode** tornar-se o foco, a convergência, o lugar privilegiado. De sorte que todo o espaço urbano carrega em si esse possível-impossível, sua própria negação. De sorte, que todo o espaço urbano foi, é, e será, **concentrado e poli(multi)cêntrico**. A forma do espaço urbano evoca e provoca essa concentração e dispersão. (LEFEBVRE, 1999, p. 46, grifos do autor).

Corrêa (1995) destaca a descentralização como um processo espacial que propicia a expansão da cidade, aliando o crescimento demográfico com o surgimento de fatores locais atrativos em áreas não-centrais, por exemplo: maior disponibilidade de terras a um custo mais baixo; fluidez do trânsito; presença de elementos de infraestrutura e amenidades. A descentralização gera as novas centralidades que se estruturam em forma de áreas (subcentros) ou eixos comerciais, que se organizam de forma hierarquizada e, em alguns casos, especializada. O processo de descentralização também decorre da ampliação das linhas de transporte coletivo que possibilitam a ocupação de locais mais distantes. E, ao longo dessas linhas, as atividades comerciais periféricas se instalam criam eixos comerciais e produzem dinâmicas que dispersam e atraem novas atividades e, até mesmo, promovem a especialização nesses locais

A dispersão das atividades e ocupações para novas áreas contribuem para a formação de subcentros que, segundo Villaça (1998, p. 293) são “aglomerações diversificadas e equilibradas de comércio e serviços, que não o centro principal”. Ainda de acordo com esse autor, enquanto o subcentro atende a uma parte da população o centro principal responde por toda a cidade (VILLAÇA, 1998). Nessa direção, a origem do subcentro está relacionada,



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

portanto, à idéia de repulsão das atividades do centro e à expansão dos transportes. De acordo com Sposito (1998, p. 28):

1. As novas localizações dos equipamentos comerciais e de serviços concentrados e de grande porte determinam mudanças de impacto no papel e na estrutura do centro principal ou tradicional, o que provoca uma redefinição de centro, de periferia e da relação centro-periferia.
2. A rapidez das transformações econômicas que se expressam, inclusive, através das formas flexíveis de produção impõem mudanças na estruturação interna das cidades e na relação entre as cidades de uma rede.
3. A redefinição da centralidade urbana não é um processo novo, mas ganha novas dimensões, considerando-se o impacto das transformações atuais e a sua ocorrência não apenas nas metrópoles e cidades grandes, mas também em cidades de porte médio.
4. A difusão do uso do automóvel e o aumento da importância do lazer e do tempo destinado ao consumo redefinem o cotidiano das pessoas e a lógica da localização e do uso dos equipamentos comerciais e de serviços

Assim, verifica-se a relevância da discussão desenvolvida na pesquisa e apresentada neste trabalho que alia o conhecimento empírico ao científico e proporciona a sistematização das informações sobre o arranjo interno da cidade, em específico nos seguintes pontos: análise do processo de expansão urbana em Anápolis e sua constituição como cidade média; a importância das atividades terciárias para a formação da cidade média e suas implicações na organização do espaço intraurbano; características dos processos de centralização, descentralização e formação de novas centralidades no âmbito da cidade média; e, por fim, a identificação dos subcentros e eixos comerciais presentes na cidade de Anápolis.

O CONTEXTO LOCAL DA DESCENTRALIZAÇÃO

Em específico, a cidade de Anápolis, enquanto cidade média, tem sua história alicerçada em uma forte tradição comercial, porém, insere-se em uma etapa de desenvolvimento na qual a indústria passa a desempenhar um papel relevante na geração de riquezas. De início, trata-se de um processo que está articulado com a modernização agrícola em curso no país desde a década de 1970 e com os interesses locais, depois, na esteira da descentralização industrial brasileira, a economia local se diversificou e passou a atrair novos investimentos, tanto para o setor industrial, no segmento de transformação, como para os segmentos comerciais e de serviços. Com isso, a cidade se reestrutura e desenvolve novos papéis ou funções, especializa-se e, conforme aponta Arroyo (2006), estabelece uma



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

vida de relações que são, cada vez mais, multidimensionais, englobando áreas cada vez maiores de atuação

Nessa direção, sua organização inscreve como elementos básicos a existência de um espaço formado por fixos e fluxos, conforme preconizam Santos (1988, 1997, 1997 e 1998), também, Santos e Silveira (2001). Na esfera da produção os fixos “são os próprios instrumentos de trabalho e as forças produtivas em geral, incluindo a massa dos homens” (SANTOS, 1997, p. 77). Enquanto, os fluxos se relacionam com o movimento que viabiliza, integra e articula os fixos, ou seja, corresponde à distribuição e circulação, portanto, diz respeito às relações que se processam e ao consumo, tanto produtivo como consumptivo. Uma vez que, segundo Santos (1997, p. 219), “não basta, pois, produzir. É indispensável pôr a produção em movimento. E em realidade, não é mais a produção que preside à circulação, mas é esta que conforma a produção”. Também, Arroyo (2006, p.79) destaca:

As diferentes fases do processo de produção, ou instâncias produtivas, mostram a divisibilidade espacial desse processo. Cada fase se desenvolve de forma desagregada no espaço, embora não desarticulada. A dissociação geográfica da produção e do consumo, a especialização produtiva dos lugares, a divisão territorial do trabalho são noções que expressam essa divisibilidade. Esta última, porém não é absoluta, dado que as instâncias produtivas estão articuladas através da circulação.

A referida autora acrescenta que:

A circulação repercute sobre a produção, obrigando-a a modernizar-se. Os fluxos multiplicam-se, diversificam-se, tornam-se ainda mais importantes para a realização da produção. Os circuitos e os círculos estendem-se, alargam a dimensão dos contextos, organizam uma trama de relações além das fronteiras nacionais [...] A partir da construção de certas formas – aquelas encarregadas de garantir a fluidez – e a partir do desenho de certas normas – aquelas que regulam a porosidade –, essas empresas e instituições têm uma participação importante nos processos de competição, cooperação e controle do território, isto é, são decisivas no seu uso (ARROYO, 2006, p. 81)

A presença de uma estrutura comercial, atacadista e varejista, aliada a um setor de serviços que se expande, principalmente, na educação superior, além do papel relevante que a cidade desempenha na área da saúde, contribuem para dinamizar a economia local, ao mesmo tempo, que promove a sua especialização e refuncionalização. Ademais, no setor de serviços, as atividades comerciais e a administração pública correspondem a 67,3% do número de



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

empregos formais gerados em Anápolis segundo dados do IBGE (2007), portanto, são fundamentais para estruturar a economia local.

Essas atividades e as ligadas à indústria movimentam a economia local e confirmam o papel de centro que Anápolis exerce no Estado de Goiás. Por sinal, a atividade comercial possui um papel relevante no processo de formação da cidade. Inicialmente, essa atividade impulsionou o crescimento do espaço urbano e, depois, contribuiu para a diversificação e especialização da mesma de entreposto comercial a centro de distribuição e logística. Um fenômeno que se torna mais complexo com a expansão da atividade industrial e, consequente, ampliação da demanda por serviços dos mais comuns aos mais especializados, intensificando o processo de terciarização da economia. Todavia, esse processo acompanha a entrada de novas práticas e relações de trabalho com a ampliação da terceirização, contribuindo para a precarização do mercado de trabalho e o crescimento da informalidade. Ao mesmo tempo, implica na ampliação que o centro possui sobre as demais parcelas do território, inclusive, para Beaujeu- Garnier (1997, p. 392) a parte central da cidade:

[...] é o local onde se reúnem as atividades que dirigem e que relacionam, tal como das que visam dar à população a possibilidade de satisfazer as suas mais elevadas exigências. Objeto de intensa concorrência, o solo atinge, aí, os mais elevados preços que repelem a função residencial e só podem ser suportados por atividades muito lucrativas, com necessidade de localização particularmente acessível e de grande procura.

Dessa forma, Souza (2009) destaca a importância de considerar os processos que provocam as referidas transformações e a, consequente, reestruturação do espaço urbano, alterando o arranjo interno da cidade, ou seja, seu espaço intraurbano. Para Cavalcanti (2001) são elementos de análise na escala intraurbana a produção, a circulação e o consumo; por sua vez, Villaça (1998, p. 21) observa que “a estruturação do espaço intra-urbano é dominada pelo deslocamento do ser humano, enquanto portador da mercadoria força de trabalho ou enquanto consumidor”.

Essa dinâmica está presente na realidade anapolina, conforme analisamos em trabalho anterior (LUZ, 2001), sobre o setor atacadista e se expande para os demais segmentos terciários. Nesse sentido, a expansão do número de lojas das empresas ocorre, principalmente, na parte central da cidade, conforme verificamos em pesquisa mais recente sobre a cidade (LUZ, 2009). Todavia, percebe-se uma tendência em descentralizar a



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

atividade em duas direções: a primeira, com a abertura de filiais nos shoppings Anashopping e Brasil Park Shopping; a segunda, diz respeito à abertura de lojas na Grande Vila Jaiara, ao norte da cidade, uma área de concentração de população de camadas mais populares.

Esse sentido, inclusive, é percebido no que tange aos serviços da administração pública, clínicas odontológicas, farmácias, supermercados e banco, produzindo uma área dinâmica da atividade comercial fora da área central. O Bairro Jundiá é outra área que tem se expandido nos últimos anos, nesse caso, porém, trata-se de um modelo de expansão que se articula com os serviços na área da saúde. Pois, no alto do Bairro Jundiá se localiza a Santa Casa de Misericórdia, um dos maiores hospitais da cidade, com isso, criou-se um eixo entre o centro e esse hospital e, nessa direção diversos consultórios médicos e odontológicos, clínicas especializadas, além de laboratórios estão sendo abertos.

Ademais, a entrada em funcionamento do Brasil Park Shopping em 2008, na Avenida Brasil, dinamizou o segmento comercial na cidade, pois, atraiu diversas lojas para o seu interior e criou uma opção a mais para os consumidores, fora da parte alta do centro da cidade, também, a modernização e ampliação do Anashopping, parte nordeste, contribuiu para essa dinâmica. Além desses segmentos, também, é possível observar o crescimento das revendas de automóveis, que se instalaram em duas áreas em especial: ao longo da Avenida Brasil Sul na saída para Goiânia (Saga Motors/Toyota, Grupo Liberté/Citröen, Autoeste Automóveis Ltda./Fiat, Nasa Veículos Ltda./Volkswagen, Saint Martin/Peugeot, Salinas Automóveis/Ford, Hyundai/Saga Hyundai, Anadiesel S.A/ Mercedes Benz e a Cotril Motors Ltda./Mitsubishi), além das concessionárias de motos (Suzuki, Honda e Yamaha); e, na área do Anashopping (Planeta/Chevrolet e Renault Veículos/Renault).

Dessa maneira, em uma perspectiva mais ampla identificam-se quatro grandes áreas que se destacam na atividade comercial na cidade de Anápolis: a parte central que representa a primeira opção para a fixação e ampliação das empresas; a Grande Vila Jaiara que vem atraindo lojas de rede, supermercados, etc., que se consolida como uma área em expansão; o Bairro Jundiá, com as clínicas, consultórios e serviços especializados; e, o eixo da Av. Brasil, ao norte, com empresas de construção e ao sul, principalmente, com revendas e concessionárias de automóveis além de grandes oficinas e armazéns atacadistas.

O CENTRO TRADICIONAL DE ANÁPOLIS



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

A área compreendida pelo centro tradicional de Anápolis se caracteriza pela polarização que exerce sobre as demais partes da cidade. Um fenômeno que decorre da sua estruturação radiocêntrica, agregando na área central as atividades terciárias, comércio e serviços, bem como a oferta de empregos nesse setor, além da presença do terminal de ônibus coletivo, onde se realizam todas as conexões das 126 linhas de transporte que servem à cidade de Anápolis.

Trata-se de uma área que agrega, conforme Corrêa (1995) tanto atividades do Central Business District (CDB) como da Zona Periférica do Centro (ZPC. Em um espaço marcado pela concentração diurna e problemas de acessibilidade

Nesse sentido, no que tange ao processo de ocupação e expansão de uso do solo urbano, no caso de Anápolis, verifica-se que o rápido crescimento demográfico gerou uma considerável expansão em sua área urbana. Inclusive, entre as décadas de 1950 e 2010 a população total do município cresceu 565,56%, com uma concentração predominante na área urbana. Esse crescimento populacional repercute no processo de urbanização de Anápolis que apresenta valores significativos, conforme os dados preliminares do Censo Demográfico do IBGE (2010) mais de 98% da população do município ocupam a área urbana, dispersos por cerca de 280 bairros, Tabela 1:

Tabela 1 – **Anápolis (GO):** Distribuição da população urbana e rural de 1980 a 2010

população	1980		1991		2000		2010	
	pt./hab.	%	pt./hab.	%	pt./hab.	%	pt./hab.	%
urbana	63.096	98,6	26.925	94,8	30.164	97,3	29.170	98,3
rural	5.916	14	2.453	8,2	921	2,7	862	2,7
total	69.012	100,0	29.378	100,0	38.085	100,0	35.032	100,0

Fonte: IBGE, Censos Demográficos de 1980/1991/2000 e dados preliminares de 2010.

Organização: Luz (2010)

O crescimento demográfico de Anápolis nas últimas décadas gerou um impacto significativo sobre a área central de Anápolis, onde predominam ruas e calçadas estreitas e a falta de áreas para estacionar. Com isso, os congestionamentos são comuns e afetam a



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

mobilidade e fluidez da população e o funcionamento das empresas. Esse fato, aliado ao custo mais elevado dos imóveis na área tem contribuído para a descentralização na cidade, entretanto, o centro permanece como local de demanda, principalmente, das camadas mais populares. Trata-se de fatores que contribuem para a abertura de novas áreas que se tornam atrativas para o desenvolvimento das atividades terciárias e que fomentam o processo de descentralização da cidade.

A FORMAÇÃO DE UMA NOVA CENTRALIDADE: O SUBCENTRO DA GRANDE JAIARA

A área denominada de Grande Jaiara corresponde a um conjunto de bairros que são polarizados pela Vila Jaiara que estão localizados na região norte da cidade de Anápolis, formando uma das áreas mais dinâmicas de crescimento na cidade. A Vila Jaiara tem sua história iniciada em meados da década de 1940. Planejada em 1943 pelo engenheiro-agrônomo Luiz Caiado de Godoy que deu nome a Vila com a junção dos nomes de dois de seus filhos: *Jairo* e *Yara*, surgindo então, Jaiara. Inicialmente foi ocupada a parte direita da Avenida Fernando Costa, cuja área pertencia às fazendas Gomes e Reboleira. Entretanto, o progresso efetivo ficou retardado até o dia 15 de agosto de 1946 quando foi lançado o manifesto de fundação da Companhia Goiana de Fiação e Tecelagem de Algodão, antiga Vicunha S/A-Indústrias Reunidas, (GARCIA, 2009).

A presença da Vicunha S.A na localidade se transformou em um centro de atração de população, de início foram os trabalhadores da indústria (640), que entrou em funcionamento no final da década de 1940. Inclusive, a própria indústria criou e comercializou 400 casas para atender à demanda por moradia no local. As necessidades de consumo dos moradores impulsionaram o desenvolvimento do comércio. Mesmo com o fechamento da indústria têxtil em 1998, a região já havia se consolidado, agregando novas áreas ao entorno da indústria no sentido norte e, especialmente, ao longo da Av. Fernando Costa, eixo de ligação com as vias que conectam a Grande Jaiara ao centro, avenidas Tiradentes e Presidente Kennedy, bem como propiciam a ligação com o trevo de saída norte para o interior, BR 153.

Nesse sentido, verifica-se que a Av. Fernando Costa exerce uma função estrutural na região da Grande Jaiara, contudo, a diversidade das atividades que o setor apresenta e



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

dinâmicas do mesmo, estabelece uma nova centralidade na forma de subcentro e não de eixo comercial. Trata-se de um subcentro que agrega diferentes atividades centrais, por exemplo, supermercados de rede, agências bancárias e de serviços, além de lojas de rede (eletrodomésticos) e de confecções, bem como atividades típicas da zona periférica central, por exemplo, as panificadoras, bares, oficinas, açougues, lanchonetes e restaurantes, entre outras. Outro elemento que indica a formação dessa nova centralidade é a abertura do Jaiara Shopping no local da antiga Vicunha, além das lojas localizadas em galerias. Também é visível na paisagem desse subcentro as lojas que comercializam produtos agropecuários, uma vez que a localidade possui uma ligação histórica com os fluxos migratórios provenientes da zona rural e se posiciona na saída norte, interior de Goiás.

O Bairro Jundiaí também surgiu na década de 1940, mais precisamente em 1944, pela Sociedade Imobiliária de Anápolis Ltda., com o objetivo de urbanizar a região e resolver um problema habitacional da época. Isto porque muitas pessoas estavam se deslocando para o estado de Goiás, especialmente, para Anápolis, após a criação de Goiânia, e não tinham como se estabelecer, permanecendo em pensões e pequenos hotéis. O primeiro nome dado ao Bairro Jundiaí foi Bairro João Dahy, porém, com o passar do tempo ocorreu a modificação do nome do mesmo, para o formato atual de Jundiaí.

A localização estratégica do bairro na parte leste da região central, cortado por importantes vias arteriais e coletoras, além da presença de uma rede completa de infraestrutura transformou o bairro em um local elitizado, o que atraiu atividades diferenciadas para o local, como restaurantes, bares, lojas de roupas/boutiques, entre outras. Além disso, a presença da Santa Casa de Misericórdia no local atrai as atividades ligadas ao setor de serviços de saúde, clínicas, laboratórios, consultórios, farmácias, entre outras.

No Bairro Jundiaí a reprodução do espaço com a descentralização gera inúmeros problemas, o mais visível se relaciona ao trânsito no local. Pois, a concentração de clínicas, escolas de idiomas e outros atrativos no local geram um fluxo intenso de veículos no horário comercial e, também, no horário noturno em função dos bares e restaurantes, com isso, os problemas de fluidez que influenciam na descentralização se fazem presentes na área.

A pesquisa realizada no Bairro Jundiaí coletou informações nas principais vias arteriais (Mato Grosso e Santos Dumont) e coletoras (Minas Gerais, São Francisco, Dom Prudêncio, Pinheiro Chagas, Professora Zenaide), além dessas foram coletados dados sobre a



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

Visconde de Taunay, Jamel Cecílio, JK e Neto Paranhos, todavia, essas últimas não foram cartografadas, em função de problemas técnicos gerados pela incompatibilidade das bases cartográficas utilizadas, dificultando a digitalização das informações. ver Mapa 4:

As principais vias foram, posteriormente, detalhadas para facilitar a visualização e a representação das informações, conforme especificado na terceira etapa apresentada no desenvolvimento metodológico da pesquisa. Essa atividade demandou uma carga de atividades que gerou um atraso na realização da pesquisa na Av. Brasil, pois, foi necessário compatibilizar, adequar, as bases cartográficas, realizando a com a digitalização das quadras e lotes do setor.

A classificação das atividades em centrais, periféricas centrais e não-centrais, proporcionou a caracterização do Bairro Jundiaí como uma nova centralidade, multifuncional e com uma tendência a se especializar no segmento da saúde, polarizado pelo Complexo Médico Hospitalar da Santa Casa de Misericórdia, atraindo unidades do centro tradicional e a abertura de clínicas de especialidades médicas e, também, consultórios isolados, tanto médicos como odontológicos. No bairro Jundiaí, onde foi possível verificar que mais de 50% das atividades pesquisadas correspondem às atividades típicas da área central, principalmente, concentradas nas avenidas Santos Dumont, Mato Grosso, São Francisco e Minas Gerais, ver Tabela 2.

Tabela 2 - **Bairro Jundiaí:** caracterização do subcentro com a distribuição das atividades de centrais, não-centrais e periféricas conforme a discriminação da via, 2010

Discriminação	Vias	Atividades					
		Centrais		Zona Periférica do Centro		Não-Centrais	
		No. Total		No. Total	(%)	No. Total	(%)
Artérias de 2a. Categoria	Av. Santos Dumont	56	19,0%	23	7,8%	21	7,1%
	Av. Mato Grosso	23	7,8%	27	9,2%	16	5,4%
Vias Coletoras	Av. Minas Gerais	21	7,1%	16	5,4%	3	1,0%
	Av. Dom Prudêncio	8	2,7%	0	0,0%	0	0,0%
	Av. São Francisco	22	7,5%	6	2,0%	11	3,7%
	Av. Pinheiro Chagas	13	4,4%	8	2,7%	2	0,7%
	R. Profa. Zenaide C. Roriz	16	5,4%	3	1,0%	0	0,0%
		159	53,9%	83	28,1%	53	18,0%



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

Fonte: PEREIRA (2010)

Essa concentração indica na necessidade de intervenção no setor, em especial no controle e ordenamento da circulação dos veículos pelo setor. Pois, a carência de áreas para estacionamento provoca o uso indevido das calçadas e demais espaços públicos, o que gera conflitos e influi na dinâmica local. Ainda mais, com a fixação de unidades institucionais, órgãos do Governo Federal como, por exemplo, a Receita Federal e a Justiça Federal. Outras atividades que contribuem para dinâmica do bairro é a presença dos serviços ligados à estética, como clínicas, salões e academias. Ademais, além da Santa Casa de Misericórdia, atuam como atividades atrativas os colégios, principalmente particulares, São Francisco, Delta, Galileu e Crescer, além das escolas de idiomas.

Enfim, o Bairro Jundiáí corresponde a uma centralidade diferente da Grande Jaiara, sua especialização na área da saúde e a presença de uma população mais elitizada influi na produção de atividades e serviços mais sofisticados e que agregam mais valor. No entanto, demonstra de forma contundente o fenômeno da descentralização na cidade.

O EIXO COMERCIAL DA AVENIDA BRASIL

Na área do eixo da Avenida Brasil Norte e Sul ainda não foram realizadas as segunda e terceira etapas da pesquisa, ou seja, a coleta de dados e representação cartográfica, entretanto, os estudos preliminares demonstraram que a mesma se segmenta em, pelo menos, cinco partes, considerando o sentido sul/norte.

O primeiro e quinto segmento são semelhantes, além das oficinas e postos de combustível, concentram atacadistas que saíram da área central, (LUZ, 2001). O segundo segmento se destaca pela especialização atividades, com a presença das concessionárias de automóveis e o condomínio SunFlower, entre outros elementos. O terceiro segmento corresponde à área adjacente ao centro e que margeia esse setor, nesta parte da avenida encontramos uma diversificação maior de atividades e serviços, por exemplo, supermercados, estádio, hospital, banco, lotéricas, órgãos públicos (Prefeitura, Fórum e Câmara Municipal), shopping, rodoviária, além de diversas atividades comerciais centrais e periféricas. Por fim, o



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

quarto segmento, destaca-se pela polarização do Hospital de Urgência de Anápolis e do Centro Universitário da UniEvangélica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da pesquisa destacou a relevância de compreender de forma mais sistematizada a dinâmica que envolve o uso do solo no espaço intraurbano. Apesar de não ter sido possível sua execução ao longo da Av. Brasil Norte/Sul, os resultados obtidos foram significativos. No âmbito acadêmico foram geradas três monografias discutindo a temática, um projeto de dissertação em curso na Universidade de Brasília, vários artigos em eventos locais e em periódico, além da menção honrosa na categoria de “Mérito de Orientação” na área de Humanas no âmbito do 1º. Prêmio UnUCSEH de Iniciação Científica, durante a Semana de Iniciação Científica da UnUCSEH, em outubro de 2010.

Os dados coletados nos subcentros da Grande Jaiara e Bairro Jundiá, produziram um banco de imagens, informações e representações cartográficas que estão sendo utilizados em mais três projetos de pesquisa, também, agregaram banco de dados do Laboratório de Geografia Humana e Regional da UnUCSEH, sob nossa coordenação. O desenvolvimento da pesquisa demonstrou a necessidade ampliar as áreas pesquisadas e padronizar a representação cartográfica das mesmas, dessa forma, o referido projeto será reapresentado junto a Pró-Reitoria, visando sua aplicação no ano de 2011.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, M. M. Dinâmica territorial , circulação e cidades medias. In SPOSITO, E.S. **Cidades médias**: produção do espaço urbano e regional. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p.71-86

BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia urbana**. Tradução de Raquel Soeiro de Brito. 2ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1997. 525 p. Tradução de: *Geographie Urbaine*.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia da cidade**. Goiânia: Alternativa, 2001.



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

-
- CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, M.E.B (Org.). **Cidades Médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23-33.
- _____. **Trajetórias Geográficas**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. 302p.
- _____. **Comércio e espaço: uma retrospectiva e algumas questões**. Textos LAGET-Série Pesquisa e Ensino, Rio de Janeiro, UFRJ, nº 2, 2000. 168 p.
- DUARTE, Haidine da Silva Barros. A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais. In: **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, 36 (1), p.53-98, jan./mar, 1974.
- FRANÇA, Maria Sousa. **A formação histórica de Anápolis e sua área de influência regional** Inseparata dos anais do VII Simpósio Nacional –ANPUH: Belo Horizonte, 2 a 8 de setembro de 1973, p. 654.
- FREITAS, J. F., **A expansão urbana e a segregação socioespacial em Anápolis - Goiás**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Ciências Humanas/Universidade de Brasília, 2004
- GARCIA, V.T. **A descentralização e a formação de novas centralidades em Anápolis: o caso da Vila Jaiara**. Monografia de Graduação. UnUCSEH/Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2009
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Demográfico**, 2000 e 2010.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. 178p. Tradução de: La révolution urbaine.
- LUZ, J.S. **A (Re)Produção do Espaço de Anápolis-GO: a trajetória de uma cidade média entre duas metrópoles, 1970- 2009**. 2009. 348 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- _____. **A especialização do setor atacadista transportador moderno de Anápolis-GO**. 2001. 130f. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade de Brasília, 2001.
- OLIVEIRA, Hélio Carlos Miranda. **Em busca de uma proposição metodológica para os estudos das cidades médias: reflexões a partir de Uberlândia (MG)**. 2008. 365f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.
-



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

-
- PEREIRA, Z.R. **O Espaço Intra-Urbano da Cidade de Anápolis (Go): A descentralização e a formação de uma nova centralidade no Bairro Jundiaí.** Monografia de Graduação. UnUCSEH/Curso de Geografia da Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2010
- PINTAUDI, Silvana Maria. A cidade e as formas do comércio. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org). **Novos caminhos da Geografia.** São Paulo: Contexto, 1999.p.143- 159.
- SANTOS, Milton. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985. 88p.
- _____. **A urbanização brasileira.** 3ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1994.
- _____. **Espaço e Método.** São Paulo: Nobel, 1988
- _____. **A Urbanização Brasileira.** 3a ed. São Paulo: Hucitec, 1996
- _____. **A Natureza do Espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção.** 2ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1997a
- _____. **Metamorfoses do Espaço Habitado.** 5a ed. São Paulo: Hucitec, 1997b
- _____. **Pensando o Espaço do Homem.** 4a ed. São Paulo: Hucitec, 1997d
- _____. (orgs.) **Território: globalização e fragmentação.** 4ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1998
- SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2001
- SOUZA, M.V.M. **Cidades médias e novas centralidades : análise dos subcentros e eixos comerciais em Uberlândia (MG).** 2009, 238f. Dissertação (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, 2009.
- SPOSITO, M.E.B. et al. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: _____. **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35-67.
- SPOSITO, M.E.B. (Org.). **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007. 630 p.
- _____. Cidades médias: reestruturação das cidades e reestruturação urbana. In: _____. **Cidades médias: espaços em transição.** São Paulo: Expressão Popular, 2007a. p. 233-253.
- _____. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território,** Rio de Janeiro, ano III, n.4, p. 26-37. 1998.
- _____. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista de Geografia,** São Paulo, v. 10, p.1-18. 1991.
-



Colóquio Nacional Henri Lefebvre

Produção e Reprodução do Espaço Urbano nas Cidades Brasileiras

30, 31 de Out. e 1 de Nov. de 2013

_____. **Capitalismo e Urbanização**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 1994.80p.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 2001. 373p.

WHITACKER, Artur Magon. **Reestruturação urbana e centralidade em São José do Rio Preto – SP**. 2003. 237f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciência e Tecnologia, UNESP/ Presidente Prudente, 2003.